

Incentivo à preguiça

Select Language ▾



Imagem: Nikita Khandelwal



Por **JEAN PIERRE CHAUVIN**

Considerações sobre o editorial do jornal O Estado de S. Paulo

“O homem médio dirá que as coisas racionais são as que se mostram obviamente úteis” (Max Horkheimer, *Eclipse da Razão*).

Saudações neste 2022, que tem cara de fim-de-feira: hortaliças, legumes, verduras frescas se sobrepõem, aos poucos, às laranjas, bananas, goiabas e olivas em estado de putrefação. Como bem sabemos, sempre que a (des)razão de mercado se vê em perigo, os ciosos conservadores (“conservadores” de quê, hein?) vêm a público para refundar os pseudoargumentos do assinante e, se possível, confundir o leitor de ocasião.

Felizmente, não assino folhas, diários e tabloides orientados pela imbecilidade neoliberal: não sou cúmplice de veículos que detonaram João Goulart em nome de deus-propriedade-família; que apoiaram a ditadura; que promovem golpes (inclusive o mais recente) e, dentre outras peripécias, ajudaram a eleger o não-

ser em 2018, coparticipando das *fake News* disseminadas pelas redes sociais. Poupo o leitorado de reproduzir trechos do editorial injusto e ofensivo publicado no jornal. Mas é preciso compreender as “razões” do *Estadão*, com o perdão do trocadilho.

A chamada “grande” imprensa – aquela em que setores da classe média confiam – parece não ter aprendido muita coisa com o golpe de 2016 e o assalto às urnas, com direito a três-oitão como comprovante de votação no monstro. Ou melhor, talvez tenha aprendido que o sistema em que vivemos é autodestrutivo. Nem precisaremos esperar pelo meteoro, mêmeme tão celebrado nas redes sociais, para morrermos de calor e falta de água, cercados de plástico e sem sombra de árvore.

Para o paulistano que tem fobia a qualquer coisa que cheire à “bem-estar-social”, “dignidade”, “ocupação de imóveis vagos”, “defesa do SUS”, “proteção à soberania nacional”, “ampliação do parque industrial”, “agricultura familiar”, “combate aos preconceitos”, “luta contra a misoginia” etc., certamente as palavras do editor, às vésperas dos 468 anos da Pauliceia – a perseverar Tucana e cinicamente, a ponto de ignorar as 31 mil pessoas em-situação-de-rua – as falácias veiculadas no jornal terão soado como um *big* presente. Veja lá se o editorial não parece um texto de encomenda, financiado pelos setores mais reacionários da “elite” paulistana.

Sim, porque nossa classe média, salvo um punhado de especialistas e orgulhosos leitores de *best-sellers*, praticamente não cultiva algo além de mensagens que escorregam entre os dedos na tela do *smartphone*, financiado em suaves prestações. Nada melhor para esse público seletivo que receber essa dádiva: um texto repleto de falácias travestidas de senso comum, caros à “ética” neoliberal. Nesse sentido, o editorial do *Estadão* não deve nada aos livros que levam na capa a magia de internalizar o dane-se-o-resto, celebram o empreendedorismo-sem-patrão (no país sem clientes) e detonam a coisa pública (com exceção de setores providencialmente bem-remunerados pelo Estado FEDE-ral).

Marco Aurélio de Carvalho[i] está certíssimo em se indignar contra a “resistência demonstrada por certos setores da grande mídia”, que acusam Luiz Inácio Lula da Silva de atentar contra a democracia. Que nome se dá a isso? Cinismo? Hipocrisia? Cumplicidade de genocídio? Apologia da destruição do Estado? Nessas horas nos damos conta de que a moral de alguns seres é tão

elástica quanto o *jeton* que recebem e tão conveniente quanto a defesa dos interesses próprios ou de seus apaniguados.

Por que peças como essa contagiam tais leitores? Primeiramente, pelo pragmático incentivo à preguiça. O editorial é um gênero breve e “de opinião”: não cansa ler e resulta “instrutivo”, “sincerão” feito o atual Desgovernante. Em segundo lugar, porque, a despeito da desvalorização da memória e o cultivo do imediatismo, o leitor de resenhas e congêneres poderá reter três ou quatro palavras-chave do texto estampado num “veículo-que-tem-credibilidade” e, assim, entabular conversas-de-botequim ou prosas-de-elevador: enérgicas, apesar de embasadas em nada.

Convenhamos. É um fenômeno, no mínimo, curioso que parte desses raros leitores-de-jornal (eventuais ou de carteirinha) critique os “excessos” daquele ideólogo vitimado pelo vírus, caroço-de-azeitona, mas não veja semelhança entre incertos editoriais do *Estadão* e as bravatas pseudofilosóficas de um “pensador” tão neoliberal quanto autoritário; tão patriota quanto sugeria sua moradia, a salvo desta neocolônia teocrática, nos *States*.

***Jean Pierre Chauvin** é professor na Escola de Comunicação e Artes da USP. Autor, entre outros livros, de *Mil, uma distopia* (Luva Editora).

Nota

[i] https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/a-irracional-e-absurda-a-tentativa-de-atribuir-a-lula-a-pecha-de-adversario-da-democracia/?utm_campaign=novo_layout_newsletter_-_2601_-_quarta-feira&utm_medium=email&utm_source=RD+Station

UA-148478982-1